

CÍCERO, Padre

*religioso; dep. fed. CE 1926.

Cícero Romão Batista nasceu em Crato (CE), então Vila Real do Crato, no dia 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista, pequeno comerciante, e de Joaquina Vicência Romana, conhecida como dona Quinô. Era o único homem dos 11 filhos do casal.

Iniciou seus estudos aos seis anos de idade, em sua cidade natal, com o professor Rufino de Alcântara Montezuma. Sua infância foi marcada por um fato importante: influenciado pela leitura da vida de São Francisco de Sales, fez voto de castidade aos 12 anos. Em 1860 foi matriculado no Colégio do Padre Inácio de Sousa Rolim, em Cajazeiras (PB). A repentina morte de seu pai, vítima de cólera-morbo, em 1862, o obrigou a interromper os estudos e voltar para junto da mãe e das irmãs solteiras. A morte do pai também causou grandes transtornos financeiros à família. Em 1865, quando Cícero precisou ingressar no Seminário da Prainha, em Fortaleza, isto só foi possível graças à ajuda de seu padrinho de crisma, o coronel Antônio Luís Alves Pequeno. Cícero foi ordenado no dia 30 de novembro de 1870. Após sua ordenação retornou a Crato e, enquanto o bispo não lhe dava paróquia para administrar, ficou ensinando latim no Colégio Padre Ibiapina, fundado e dirigido pelo professor José Joaquim Teles Marrocos, seu primo e grande amigo.

Convidado pelo professor Semeão Correia de Macedo, no Natal de 1871, padre Cícero visitou pela primeira vez o povoado de Juazeiro, então distrito do Crato, e aí celebrou a tradicional missa do galo. O padre visitante, de apenas 28 anos de idade, estatura baixa, pele branca, cabelos louros, olhos azuis e voz modulada, conquistou os habitantes do lugar. E ele próprio também ficou entusiasmado. Decorridos alguns meses, no dia 11 de abril de 1872, padre Cícero retornou com bagagem e família, para fixar residência definitiva em Juazeiro. Muitos livros afirmam que teria resolvido morar em Juazeiro devido a um sonho (ou visão) que tivera, no qual Jesus Cristo lhe teria ordenado que tomasse conta dos pobres.

Na época, Juazeiro era uma localidade formada por um pequeno aglomerado de casas de taipa. Já havia uma capelinha erigida pelo padre Pedro Ribeiro de Carvalho, primeiro capelão do lugar, em homenagem a Nossa Senhora das Dores, padroeira local. Para melhorar o aspecto da capelinha, padre Cícero tratou, inicialmente, de adquirir várias imagens com as esmolas dadas pelos fiéis. Depois, desenvolveu intenso trabalho pastoral com pregação, conselhos e visitas domiciliares, atitude jamais vista na região. Dessa maneira, rapidamente ganhou a simpatia dos habitantes, passando a exercer grande liderança na comunidade. Paralelamente, agindo com muita austeridade, cuidou de moralizar os costumes da população, acabando pessoalmente com os excessos de bebedeira e a prostituição. Restaurada a harmonia, o povoado começou a crescer e a atrair gente da vizinhança, curiosa por conhecer o novo capelão.

Para auxiliá-lo no trabalho pastoral, padre Cícero resolveu recrutar mulheres solteiras e viúvas para a organização de uma irmandade leiga, formada por beatas, sob sua autoridade, a exemplo do que fizera o padre Ibiapina, notável missionário nordestino falecido em 1883.

MILAGRE E REAÇÃO DA IGREJA

Durante o desenvolvimento do seu trabalho, um fato tão raro quanto incomum, acontecido no dia 10 de março de 1889, transformou para sempre sua vida e a rotina do lugarejo. Naquela data, ao participar de uma comunhão geral oficiada por ele na capela de Nossa Senhora das Dores, a beata Maria de Araújo, ao receber a hóstia consagrada, não pôde degluti-la, pois esta se havia transformado em sangue. A repetição desse fato no dia seguinte, e por outras vezes, todas as quartas e sextas-feiras, durante dois anos, levou o povo a acreditar que se tratava de um autêntico milagre, com o derramamento do sangue de Jesus Cristo. As toalhas com as quais se limpava a boca da beata ficaram manchadas de sangue e passaram a ser alvo da veneração de todos.

De início, o próprio padre Cícero tratou o caso com cautela, guardando sigilo por algum tempo. Para testemunhar as transformações, foram convidados os médicos

Marcos Madeira e Ildefonso Correia Lima, e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves, que, depois de presenciar o ato, atestaram, através de documento assinado, ser o fato inexplicável à luz da ciência. Essa conclusão contribuiu para fortalecer no povo, no padre Cícero e em outros sacerdotes a crença no milagre. Data daí o início da peregrinação ao povoado, pois as pessoas queriam ver a beata e adorar os panos manchados de sangue.

O professor e jornalista José Marrocos cuidou de divulgar o milagre pela imprensa. A notícia chegou ao conhecimento do bispo dom Joaquim José Vieira, que ficou profundamente irritado. Padre Cícero foi chamado ao palácio episcopal, em Fortaleza, a fim de prestar esclarecimentos sobre os acontecimentos que já eram de domínio público. Inicialmente o bispo ficou admirado com o relato feito por padre Cícero. Depois, pressionado por alguns segmentos da Igreja que não aceitavam a ideia de milagre, mandou investigar oficialmente os fatos. Para tanto nomeou uma comissão de inquérito composta por dois sacerdotes de reconhecida competência, os padres Glicério da Costa Lobo e Francisco Pereira Antero. Estes, após assistir às transformações, examinar a beata e ouvir testemunhas, concluíram que o fato era mesmo divino. Mas o bispo não gostou desse resultado e nomeou outra comissão, constituída pelos padres Antônio Alexandrino de Alencar e Manuel Cândido. A nova comissão agiu rapidamente: convocou a beata, deu-lhe a comunhão e, como nada de extraordinário acontecera, concluiu pela não existência de milagre. Essa conclusão gerou protestos por parte do jornalista José Marrocos, do padre Cícero, de todos os outros padres que acreditavam no milagre e do povo em geral.

A posição contrária do bispo criou um tumulto em meio aos fiéis, que se agravou quando a Santa Sé, em Roma, ao analisar o relatório do inquérito que lhe havia sido enviado, apoiou o bispo. Todos os padres que acreditavam no milagre foram obrigados a se retratar publicamente. Ao padre Cícero foi reservada uma punição maior: a suspensão da ordem. Durante toda sua vida ele tentou, em vão, revogar essa pena. Chegou a conseguir uma vitória em Roma em 1898, quando lá esteve. Entretanto, o

bispo, intransigente, manteve a punição.

INGRESSO NA POLÍTICA

Proibido de celebrar missa, padre Cícero ingressou na política. Conforme explicou no seu testamento, assim fez para atender aos insistentes apelos dos amigos, e na hora em que os juazeirenses esboçavam um movimento de emancipação política. Conseguida a independência de Juazeiro do Norte, assim denominada para se distinguir de Juazeiro da Bahia, em 22 de julho de 1911, padre Cícero foi eleito prefeito do recém-criado município, cargo que ocuparia por 12 anos. Em 1913 foi eleito vice-presidente do Ceará, cargo que acumulou com o de prefeito de Juazeiro.

Em 1914 houve a Revolta ou Sedição de Juazeiro, confronto entre as oligarquias cearenses e o governo federal provocado pela interferência do poder central na política estadual. Essa interferência fazia parte da “política das salvaçãoes” estabelecida pelo governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) com o intuito de conter seus opositores. Consistia em promover intervenção federal nos estados, evitando que opositores fossem eleitos para o governo estadual. A revolta aconteceu no sertão do Cariri, região do interior do Ceará, e centralizou-se em torno da liderança do padre Cícero, com o objetivo de depor o presidente do Ceará, coronel Franco Rabelo, no poder desde 1912. Sobre sua participação nesse movimento, padre Cícero afirmou que a chefia coube ao dr. Floro Bartolomeu da Costa, seu grande amigo. Com a vitória dos revoltosos e a consequente deposição de Franco Rabelo, padre Cícero reassumiu o cargo de prefeito de Juazeiro, do qual havia sido afastado pelo governo deposto, e seu prestígio cresceu. Até então, sua casa, que era visitada apenas por romeiros, passou a ser procurada também por políticos e autoridades diversas.

Sua vida política o levou a exercer o mandato de deputado federal pelo Ceará de 6 de agosto a 31 de dezembro de 1926. No Rio de Janeiro, então Distrito Federal, realizou a primeira exposição da arte juazeirense. Nesse mesmo ano, conheceu Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, lendário cangaceiro do Nordeste, e deu-lhe conselhos para que

deixasse o cangaço. Alguns livros registram que padre Cícero teria concedido a Lampião a patente de capitão, mas ele jamais lhe concedeu qualquer título. Essa patente havia sido prometida por Floro Bartolomeu, então deputado federal, que havia convidado Lampião a ir a Juazeiro para ingressar no Batalhão Patriótico para lutar contra a Coluna Prestes. Com a morte de Floro Bartolomeu e a insistência de Lampião em receber a honraria, Benjamim Abraão, um dos secretários de padre Cícero, convenceu Pedro de Albuquerque Uchoa, único funcionário público federal residente em Juazeiro, a assinar um documento por eles mesmos forjado, concedendo a patente.

BENFEITOR DE JUAZEIRO

Padre Cícero tornou-se o maior benfeitor de Juazeiro e a figura mais importante da história desse município cearense. Foi ele quem levou para a cidade as ordens dos Salesianos e dos Capuchinhos; doou os terrenos para a construção do primeiro campo de futebol e do aeroporto; construiu as capelas do Socorro, de São Vicente, de São Miguel e a igreja de Nossa Senhora das Dores; incentivou a fundação de *O Rebate*, o primeiro jornal local; fundou a Associação dos Empregados do Comércio e o Apostolado da Oração; incentivou e dinamizou o artesanato artístico e utilitário como fonte de renda, bem como a instalação do ramo de ourivesaria; estimulou a expansão da agricultura, introduzindo o plantio de novas culturas; contribuiu para a criação e instalação de muitas escolas, inclusive a Escola Normal Rural e o Orfanato Jesus Maria e José; socorreu a população durante as secas e epidemias, prestando-lhe toda assistência, e, finalmente, projetou Juazeiro no cenário político nacional, transformando um lugarejo na maior e mais importante cidade do interior cearense. Os bens que recebeu por doação, ao longo de toda a sua quase secular existência, foram doados à Igreja, sendo os Salesianos seus maiores herdeiros.

Faleceu em Juazeiro do Norte no dia 20 de julho de 1934, aos 90 anos. Com sua morte, aumentou a devoção à sua pessoa e a cidade prosperou. Até hoje, anual e religiosamente, no Dia de Finados (2 de novembro), uma grande multidão de romeiros

de todo o Nordeste chega a Juazeiro para uma visita a seu túmulo na capela do Socorro, e à sua estátua, erigida na cidade.

Padre Cícero tornou-se uma das figuras mais biografadas do mundo. Sobre ele existem mais de duzentos livros, além dos artigos que são publicados frequentemente na imprensa. Ultimamente sua vida tem sido objeto de estudo de cientistas sociais do Brasil e do exterior. Algumas obras em que é o tema central são *Milagre em Juazeiro*, de Ralph della Cava; *Maria de Araújo, a beata do Juazeiro*, de, Maria do Carmo P. Forti; *Lampião*, de Optato Gueiros; *Lampião e o Padre Cícero*, de Fátima Menezes; *O Padre Cícero que eu conheci*, de Amália Xavier de Oliveira, e *O patriarca de Juazeiro*, de Azarias Sobreira.

No dia 22 de março de 2001, padre Cícero foi eleito o Cearense do Século, em campanha promovida pela Rede Globo e a TV Verdes Mares, de Fortaleza.

Embora ainda não tenha sido canonizado pela Igreja, *Padim Cicho*, como é chamado pelos seus devotos, é tido como santo por sua imensa legião de fiéis espalhados pelo Brasil. Em 2002 a Diocese do Crato deu início aos estudos visando à reabilitação eclesial e histórica do padre Cícero.

Alan Carneiro

FONTES: E-biografia. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/biografias/padre_cicero.php>. Acesso em: 13/10/2008; Historianet. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=174>>. Acesso em: 1/10/2008; Istoé. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/religiao/relig6.htm>>. Acesso em: 1/10/2008; Padre Cícero. Disponível em: <<http://www.padrecicero.com.br/>>. Acesso em: 1/10/2008; Sistema FIEC. Disponível em: <<http://www.sfiec.org.br/noticias/padrecicero260704.htm>>. Acesso em: 1/10/2008);

Uol educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/ult1689u55.jhtm>>. Acesso em: 1/10/2008; Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolucao_do_Juazeiro>. Acesso em: 1/10/2008.